

CORPOS AUTORES DE VIOLÊNCIA E PERSPECTIVAS NA SAÚDE MENTAL: UMA CARTOGRAFIA

BODIES AUTHORS OF VIOLENCE AND PERSPECTIVES IN MENTAL HEALTH: A CARTOGRAPHY

Recebido: 16/02/2022 | Aceito: 29/05/2022 | Publicado: 02/08/2022

Gabriel Gonçalves Guimarães¹

<https://orcid.org/0000-0001-5218-0005>

<http://lattes.cnpq.br/9371753043628943>

Universidade Federal de Goiás, UFG, Brasil

E-mail: gabrielggg3@gmail.com

Karina Aparecida Figueiredo²

<https://orcid.org/0000-0002-8311-8025>

<http://lattes.cnpq.br/5124440060440677>

Universidade Católica de Brasília, UCB/DF, Brasil

E-mail: karinasnzf@gmail.com

Ondina Pena Pereira³

<https://orcid.org/0000-0001-7874-9888>

<http://lattes.cnpq.br/6499670425098733>

Universidade Católica de Brasília, UCB/DF, Brasil

E-mail: ondinapena@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta uma cartografia realizada em um Centro de Atenção Psicossocial por um residente em Saúde Mental do Adulto. A cartografia é um método-proposta por Deleuze e Guattari cujo objetivo é o de acompanhar, em um certo território, as linhas de produção de subjetividades. Objetivou-se cartografar os processos de acompanhamento de casos de homens autores de violência em um Centro de Atenção Psicossocial do tipo II, identificando a presença de fenômenos de violência social e de gênero relacionadas ao masculino, experimentando a possibilidade de produção das linhas de fuga na promoção de saúde mental, e na investigação da produção de corpos tristes em relação a essa violência. A cartografia não possui pretensão de construir modelos universais sobre os fenômenos estudados, e, sim, apresentar pistas da dimensão ética na aposta de produção de vidas mais potentes. Nesse caso, na Saúde Mental e nas suas relações com a violência e o gênero.

¹ Mestrado em andamento em Psicologia (Conceito CAPES 3) pela Universidade Federal de Goiás, UFG, Brasil. Psicólogo formado pela Universidade Católica de Brasília, especialista em Saúde Mental do Adulto pela residência multiprofissional da Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde do Distrito Federal e mestrando em Processos Psicossociais e Educacionais pela Universidade Federal de Goiás. Especialista em Psicanálise Clínica e Estudos em Psicopatologia pela Faculdade UniBF.

² Possui graduação em Serviço Social pela Universidade de Brasília (setembro de 1996) e mestrado em Política Social pela Universidade de Brasília (outubro de 2002). Atuou como docente da Universidade Católica de Brasília, onde foi diretora do Curso de Graduação em Serviço Social, coordenadora de Estágio Supervisionado e docente na Pós Graduação Lato Sensu da referida Universidade, de agosto de 2008 a fevereiro de 2017.

³ Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (1984), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1991), doutorado em Antropologia pela Universidade de Brasília (1997) e pos-doutorado em Psicologia Social na Université du Québec à Montreal. É professora adjunta da Universidade Católica de Brasília. Pesquisa a área de saúde e sua relação com as ciências humanas e a filosofia; a psicanálise e suas relações com a sociedade; epistemologias em psicologia; a psicologia e a interculturalidade; teorias de gênero e feminismo; imagens técnicas e teoria do simulacro; clínica política.

Palavras-chave: Centro de atenção psicossocial. Cartografia. Saúde mental. Violência. Gênero.

Abstract

This article presents a cartography carried out in a Psychosocial Care Center by a resident in Adult Mental Health. Cartography is a method-action proposed by Deleuze and Guattari that addresses the modes of production of subjectivities. The aim was to map the processes of follow-up cases of male perpetrators of violence in a Psychosocial Care Center type II, identifying the presence of phenomena of social and gender violence related to men, experiencing the possibility of production of lines of escape in the promotion of mental health, and investigating the production of sad bodies in relation to this violence. The cartography has no pretension to build universal models about the studied phenomena, but to present clues of ethical dimension in the production of more powerful lives. In this case, in Mental Health and its relations with violence and gender.

Keywords: Psychosocial care center. Cartography. Mental health. Violence. Gender.

Introdução

Este artigo é fruto de uma experiência cartográfica de um residente de um programa multiprofissional em Saúde Mental do Adulto, conforme as pistas e epistemologias criadas por Deleuze e Guattari (1995). Foi produzida a partir de sua inserção em um Centro de Atenção Psicossocial do tipo II.

A cartografia se realiza na produção de um rizoma, imagem que a distingue da árvore, que representa a estrutura linear da ciência ocidental. Ao contrário de supor uma realidade dada por si mesma, estabelece um eterno devir na criação de conceitos. Nessa abordagem, fazer ciência é produzir realidades, não apreender suas representações (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2015). Assim, é uma opção metodológica, epistemológica e política não estabelecer um começo bem definido na apresentação deste artigo. Demarcamos um afrontamento às epistemologias da história única (ADICHIE, 2019), da origem, ou à noção de uma ciência que apenas atualiza as estruturas de poder, como já afirmava Franco Basaglia (2010) no século passado.

Trabalhamos com o ato de cartografar, o tracejar de um mapa, um “seguir as plantas: começando por fixar os limites de uma primeira linha segundo círculos de convergência ao redor das singularidades sucessivas” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 19). Ramificação plurívoca, multidimensionada, com zonas de intensidade que se espalham e, por vezes, se aloca e centralizam, criando estratos (estratos temporários), pois a própria factibilidade da substância é o movimento e o devir (DELEUZE, GUATTARI, 1995).

Em meio a esse movimento, não é necessário aumentar muito as tensões de visibilidade para ver que a violência se encontra cotidianamente em serviços de saúde. Como afirma Minayo (1994), torna-se difícil separar a produção da violência da produção ou não de qualidades de vida social no Brasil, atualmente. Nesse entendimento, estratificando essas problemáticas, podemos perceber que os homens no Brasil acessam menos os serviços de saúde em ações de cuidado continuado em

comparação às mulheres (MEDRADO, MÉLLO, 2008). Os homens/público masculino seguem majoritariamente como líderes nas estatísticas de casos de violência social e, de fato, os que menos acessam seus direitos de acompanhamento a uma saúde pública de qualidade (MINAYO, 2005). Esse público acessa majoritariamente, sim, os serviços de Urgência e Emergência do SUS, segundo investigações do Ministério da Saúde (BRASIL, 2008), tanto como vítimas de violência social diversas, como também majoritariamente como agressores. Medrado e Mélo (2008) afirmam a importância de se compreender as relações de produção das violências e das masculinidades para devidas transformações desse cenário destrutivo que encontramos nos serviços de saúde.

A existência dos Centros de Atenção Psicossocial, hoje em voga nas Redes de Atenção Psicossocial, foi concretizada no percurso intensivo das denúncias e críticas ao modelo hospitalocêntrico e manicomial existentes na década de 80, apontando amplamente seus regimes de poder e a perpetuação de processos de exclusão (JORGE, CARVALHO, SILVA, 2014; AMARANTE, NUNES, 2018). Iniciou-se um modelo de cuidado pautado na assistência democrática e garantia de direitos, alinhada com os princípios do SUS, e na assistência direta, ampliada e em liberdade às pessoas em sofrimento psíquico. Assim, o cuidado em saúde mental passa a ser exigido em um regime de portas abertas e de cuidados no território (LANCETTI, 2007; DESVIAT, 2015).

Os Centros de Atenção Psicossocial são núcleos capilares de produção de práticas de saúde mental nos serviços de saúde pública, estando em contato direto com casos de sofrimento psicossocial grave. A violação de direitos humanos básicos, a expressão das violências sociais e a concretude dos jogos de poder cotidianos são acolhidos, atendidos e cuidados nesses serviços, ou pelo menos deveriam ser, como apontam Pedrosa e Zanella (2016) sobre a existência de uma negligência ou uma omissão dos serviços de saúde mental quanto as discussões de gênero e suas materialidades, por exemplo.

Os CAPS são lugares de ampliação e abertura de perspectivas de modos de vida; são espaços de fuga a propostas hegemônicas de dominação social, tencionando uma proposta individualizada de produções de sofrimento. É a partir desse lugar que podemos compreender as turbinas – a potência – desses espaços no projeto de transformação social (LANCETTI, 2007). Falávamos disso, em alguma dimensão, quando falávamos de cartografia. Por fugir das epistemologias do mesmo e apresentar uma nova proposta cognitiva, a cartografia afirma o compromisso da produção do novo: as chamadas linhas de fuga dos sistemas molares, esses que capturam os desejos e investem no controle de suas singularizações (HUR, 2019). Para isso, buscamos escrever aqui a n-1, como dito por Deleuze e Guattari (1995), buscando expressar a multiplicidade dos processos de produção de modos de vida.

É a partir dessas apercepções e da produção desses afetos que a produção da cartografia aqui apresentada foi realizada, compreendendo, também, a importância das leituras diagramáticas na produção de políticas e discursos de gênero: a biopolítica de Louro (1997), de Foucault (1985), a proposta de trabalho de Medrado e Mélo (2008), bem como as contribuições indispensáveis de Scott (1995) para o gênero como uma categoria de análise e de Bento (2006) para uma compreensão desses diagramas sociais no Brasil. Claro, também, com uma teoria crítica que vem se desenrolando sobre os processos de produção de subjetividades, expostas por

Conde (2020) e desdobradas, até certa medida, pelas contribuições de Deleuze e Guattari (1995). Além disso – com uma qualidade afetiva inestimada – as produções sobre os afetos e sobre o corpo em Pereira (2015) e em Spinoza (2017), onde o desejo é produção e o mundo produtor de suas cadeias de efeitos e criações, estando a positividade da produção sempre em voga, mas nem sempre em evidência. Não necessitamos, na perspectiva dessas produções, estar submetidos às paixões tristes para viver.

É a isso que chamamos de *socius*: um plano de consistência determinante-indeterminado, um processo de fluxos tanto revolucionários quanto fascizantes, em uma batalha da afirmação da produção de vida e por vezes de mortificação e produção de impotência dos corpos.

Na linha traçada pela saúde mental no Brasil, em sua dimensão de amplitude por uma luta antimanicomial, podemos conceber os questionamentos direcionados aos discursos da doença mental e da patologia. Esses, em geral, operam efeitos sobre os corpos sociais e perpetuam relações de poder individualizantes e supostamente neutras politicamente. A problemática do masculino, sua responsabilização e transformação, imbricadas nos processos de produção de violência, associa-se à complexa rede de condições psicossociais produtoras dessas singularidades. Homens autores de violência estão em composição com forças dinâmicas específicas da vida social, afetando e produzindo efeitos nas qualidades de vida, na saúde, nos modos de se viver (LIMA, BUCHELLE, 2011; MEDRADO, MÉLLO, 2008).

Os atos em saúde, conforme explorado por Merhy (2013), encontram nas tecnologias leves suas micropolíticas possíveis para transformações da realidade. A saúde não está descontextualizada das relações de força e dos jogos de poder dos processos sociais, presentes nos serviços de saúde, em suas práticas e suas construções.

Compreender não só a violência e sua relação com o masculino, como também o jogo de produção destes dois diagramas é essencial para o desenvolver de ações no âmbito da saúde. O masculino aqui convocado é aquele tratado, por exemplo, por Machado (2001), ao identificar a relação performativa entre as masculinidades e a violência. Para Bento (2014), o gênero é uma rede de incorporações complexas que marcam estéticas, heranças e performances determinadas, pois “o gênero só existe na prática, na experiência, e sua realização se dá mediante reiterações” (p. 60). O biológico é, senão apenas uma teoria, um modo discursivo sobre a vida – como qualquer outro – sendo impossível determinar um ponto pré-discursivo sobre o gênero. Ou seja, algo que seria natural em oposição ao artificial (BUTLER, 2003).

O Relatório Mapeamento de Serviços de Atenção Grupal a Homens Autores de Violência contra Mulheres no contexto brasileiro, realizado pelo Instituto Noos (BEIRAS, 2014) do Rio de Janeiro, sinaliza a necessidade de leituras críticas para essas atuações que estejam embasadas em estudos epistemológicos que considerem práticas sociais contextualizadas nas discussões dos estudos de gênero e LGBTQIA+. Porém, poucos são esses que se debruçam na compreensão complexa dessas diagramações políticas, culturais e institucionais da produção da violência e do masculino, delimitando bloqueios ao desenvolvimento de ações em saúde pública que alcancem essas dimensões (MEDRADO, MÉLLO, 2008).

A saúde mental e a atenção psicossocial no Brasil, conforme preconizado pela Lei 10.216, na materialidade das lutas sociais pela extinção dos regimes manicomiais,

está em volta com a complexidade dos fenômenos sociais que perpetuam a produção de corpos em sofrimento, em suas relações com o chamado corpo social (PEREIRA, PASSOS, 2017; LANCETTI, 2007). Os CAPS surgem como propostas de enfrentamento à produção de regimes de poder e processos de exclusão, embasados em uma reforma psiquiátrica e democrática, na proposta de assistência direta a pessoas em sofrimento, regido pelo princípio do serviço de portas abertas e do território. Os princípios do CAPS serão norteadores para a produção de uma fuga do entendimento sobre o sofrimento mental como descontextualizado dos enlaces do corpo social (AMARANTE, NUNES, 2018; LANCETTI, 2007).

Sabemos que os homens, ou os corpos-masculinos, chegam a esses serviços, tornando necessária a indagação sobre a produção dessas subjetividades e a compreensão de intervenções eficazes no rol do que se chama promoção em saúde mental. Tendo os CAPS o lugar de abertura e fuga a uma proposta individualizada do sofrimento, torna-se indispensável e imprescindível os diálogos com a realidade do gênero e da produção de violência social. Assim, desse diagrama social complexo do qual falávamos fazem parte as políticas e discursos de gênero, pautados em uma biopolítica e em uma verdadeira normatização dos corpos sociais (LOURO, 1997; FOUCAULT, 1985). A compreensão dos modos de produção dessas subjetivações, bem como uma leitura contextualizada das potências disponibilizadas nesses jogos sociais, conforme definido por Pereira (2015), é uma forma de intervir na produção de afetos tristes e de modos de vida despotencializados, que submetem as pessoas a modos de vida sedentários, como por vezes, também, violentos (SEGATO apud PEREIRA, 2015).

Sendo assim, o masculino, por sua vez, estará em volta com a construção de modelos de virilidade e performances de eficácia; jogos de poder e de inteligibilidade do que é ser homem, daquilo que pode ser nomeado como masculinidade hegemônica (CONNEL, 1995; ZANELLO, 2018). A masculinidade hegemônica estabelece uma assimetria dentro das dinâmicas masculinas de gênero no ocidente, determinando em seus jogos aquilo que afirmará o modo dos homens se relacionarem, sentirem, fazerem-se e produzirem-se. Como evidenciado por Arede (2006, p.01): “Não se nasce Homem, nem se é Homem, empenha-se constantemente na busca de tornar-se homem”. Essa produção estará não só vinculada a produção de um outro, como afirmado pelas autoras (BUTLER, 2003; AREDA, 2006; ZANELLO, 2018) – sendo esse outro uma mulher cisgênero, uma mulher trans, um homem trans, um homem cis gay ou até mesmo um homem cis heterossexual que não replique exatamente o padrão hegemônico –, mas também na aprendizagem de uma sociabilidade masculina, na produção do silêncio e de uma inabilidade afetiva e emocional, como evidenciado por Nascimento (2001) em estudos com homens autores de violência contra a mulher.

O campo dos afetos é de essencial importância na política, uma vez que é através da produção de afetos que a política contemporânea movimenta os corpos (SAFATLE, 2015). É o que falávamos sobre a positividade do desejo e dos processos de afecções dos corpos, compreendendo que não é por meio da falta que o poder é exercido sobre os corpos, mas é através de discursos normativos (TIMM, PEREIRA, 2020). Ao falarmos de afetos e sobre esses corpos masculinizados, estamos apontando para uma compreensão não cartesiana e não positivista, convocando à aproximação daquilo que é conceituado para uma Ciência dos Afetos, conforme

abordada por Chauí (2011) sobre Spinoza. Para Spinoza (2017), a racionalidade ou o intelecto humano só se produz em ato através das afecções e dos afetos produzidos com o corpo.

A análise em um regime ontológico spinozista afirma a categoria do encontro entre corpos produtores de afetos e de afecções. Tais afetos poderão ser afetos tristes ou afetos alegres a depender se a potência de agir de determinado corpo diminui, no primeiro caso, ou aumenta, no segundo caso (SPINOZA, 2017). Os corpos políticos, segundo a leitura junto de Spinoza, são potência singular em ato, mas podem estar submetidos a processos de passividade e repetição, ou, por outro lado, de invenção e criação de modos de vida (PEREIRA, TIMM, GONÇALVES, 2019).

Qual a potência produzida nos corpos generificados como homem? Aqui, ressalta-se a análise realizada por Spinoza (2017) da relação entre o medo e o tirano, onde o tirano necessita promover medo, afeto triste, conduzindo os corpos à servidão. Segundo Pereira (2015), em diálogo com Rita Segato, os homens autores de violência contra as mulheres são aqueles mais distantes de sua potência, uma vez que são os que respondem de prontidão ao mandado social sobre os seus corpos.

Propomo-nos, pois, a realizar a cartografia dos processos de subjetivação, apontando as linhas que se diferenciam do mandado e as que se curvam a ele. Conforme Deleuze e Guattari (2010), a cartografia é este processo metodológico de pesquisa-ação caracterizado pelo mapeamento dessas linhas. Compreende esses processos na lógica do desejo enquanto produção e das máquinas sociais como operadoras do desejo. Seu *modus operandi* refere-se à apercepção dos processos através da inserção afetiva, intensiva e exploratória do pesquisador-participante no território a ser mapeado/explorado (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA 2015). Explora-se os fluxos, as forças e as intensidades na produção do real, isto é, do plano de consistência escolhido. Conforme Kastrup (2015), procede por uma produção de dados, em caráter devidamente construtivista na produção de novas realidades.

Segundo Deleuze e Guattari (1995), há seis princípios de um rizoma, proposta de escrita/pensamento que vai na contramão do cientificismo positivista:

1º e 2) Princípios de conexão e de heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo (...). Um rizoma não necessita de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais (...). uma língua não se fecha sobre si mesma senão em uma função de impotência (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 15).

Terceiro, princípio de multiplicidade, produção que não se faz em nenhuma relação com o uno: “inexistência, pois, de uma unidade que sirva de pivô no objeto ou que se divida no sujeito (...). Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 15).

O quarto, princípio de ruptura a-significante: “um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas” (p. 17). Quinto e sexto, princípio de cartografia e decalcomania: “um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura profunda” (p. 20). É o tracejar junto a esses princípios que a cartografia se produz e produz

platôs. Fluidez, movimento, conexão e desejo. A cartografia faz rizoma com o mundo, não busca representá-lo (DELEUZE, GUATTARI, 1995).

A partir das contribuições de Rauter (2003), assim como de Minayo (1994) no estudo da violência e sua relação com a saúde, vamos inquirindo parte do que pode ser a relação da violência com a saúde mental em nosso país. Dois âmbitos que se contraem sobre as tecnologias de poder, sendo problemáticas apoderadas por elas, capturadas e investidas. Duas lógicas precisas mantidas: prisões e manicômios (RAUTER, 2003). E nisso, os saberes acrílicos – acrílico aqui como delimitador de epistemologia não comprometida socialmente e politicamente – se fazem operadores de força e poder (BASAGLIA, 2010).

A operação da cartografia se dá “pelo meio”, através de pistas e pontos de entrada no rizoma do campo. No caso desta e no contexto da residência multiprofissional na qual é realizada, a pesquisa aqui apresentada foi operacionalizada pela inserção do residente no respectivo cenário informado.

Passos, Kastrup e Escóssia (2015) apontam para a utilização de algumas ferramentas ou dispositivos de apoio na produção da cartografia, dentre elas a utilização de diários de bordo que visam mapear os afetos produzidos e apercebidos nos encontros realizados. Além dessa ferramenta, a metodologia enuncia a importância dos processos de afetação na cartografia.

A cartografia aqui apresentada não se filia à distinção normalidade/anormalidade, ou com a captura dos modos de pensar. Não falo do dever, não falo da moral. Como Warszawski (2019), faço uma produção imoral – uma ética –, tendo em Spinoza um potencializador do exercício da razão ética. Não segue uma linha cronológica de produção, mas faz-se por pistas, intensidades, modos possíveis de produção de realidade.

O plano de visibilidades torna tudo apreensível demais, o que é uma outra forma de dizer capturável. E se não tratar desse texto de se ver e compreender intelectivamente? Pensar não é só – ou nunca é – racionalizar, já dizia Herbert Daniel. É uma forma de sentir, tanto uma sensibilidade. Distinguir, não há: teoria e Coração (apud AREDA, 2014)

Para Spinoza (2017), por exemplo, os critérios de verdade passam por uma averiguação das chamadas ideias adequadas. Uma ideia adequada é aquela que alcança a essência singular dos corpos, conhecendo suas causas determinadas e pela produção de alegria – ou seja, de aumento de potência. É inconcebível produzir conhecimentos que alcançam a potência dos corpos através de uma noção moral do bem e do mal, pois a ideia do mal é necessariamente inadequada epistemologicamente, baseada na tristeza, sendo refreamento da potência de agir e de pensar (SPINOZA, 2017).

Tratar a ciência e a política enquanto uma grande ficção, como desenvolvido em obras de Preciado (2020) e Heliana Rodrigues (2020), não é uma abertura ao descompromisso na produção de conhecimento, mas retomada dele através da aposta em epistemologias mais adequadas, que critiquem os modos de conhecimento que perpetuam uma sociedade desigual em nome de uma verdade e um modo de pensar que produz sujeições e tristeza. O conhecimento, assim, pode ser criador/produtor junto da afirmação de seus tracejares rizomáticos, afirmando uma crítica concisa ao conhecimento arborescente, tão desejado na cultura ocidental, que universaliza experiências pelo apagamento de outras, enquadra multiplicidades de

modos de existir em identidades segmentarizadas, captura novas criações no já conhecido/no mesmo.

Buscar o rizoma é descompromissar-se com esse molde de criação de conhecimento – que não é o único, nem o verdadeiro – e afirmar-se em um que comporte a noção de multiplicidade de modos de vida e a de potência da criação de conhecimento. Compromissando-se, assim, com uma ética da existência.

Desse modo, tracejo essa cartografia através das inspirações das produções políticas de Paul B. Preciado, e afetado pelo corpo-produção de Herbert-Daniel, em seu texto *Meu corpo Daria um Romance*, através do olhar sensível de Areda (2014) sobre a narrativa desarmada de um corpo que afeta e é afetado diante da violência:

Assumindo o corpo como elemento de conexão e antecipação (...), Daniel se vê diante dos olhares que operam a epistemologia da violência: olhares cínicos, clínicos diagnósticos, inquisidores, dissecadores e tribulanescos. São os olhares da análise, que tentam dividir o indivisível – o corpo, ‘essa praça do prazer irregular, desuniforme e íntegra’ (DANIEL, 1984, orelha) (AREDA, 2014, p.151).

O corpo em Herbert Daniel, ainda segundo Areda (2014), é concretude, lugar do corpo a corpo, onde o meu é apenas um contágio desse movimento, no qual Herbert lança-se de forma desarmada para investigar a violência homofóbica que o perpassa. Afinal: “o que é a armadura se não a imagem da necessidade de preservação de distinções de dentro e fora, do limite do eu e o outro, de uma metáfora da epistemologia da violência?” (AREDA, 2014, p. 160)

O método formulado por Deleuze e Guattari (2010) define três tarefas na composição de intervenções nos diagramas sociais visualizados. A primeira tarefa corresponde à raspagem, à demolição e desconstrução de todos os estratos que bloqueiam o desejo enquanto positividade de criação. A segunda visa a mapear e captar os agenciamentos desejanter existentes em determinado plano de consistência. A terceira tarefa visa a conectar e possibilitar a fluidez do desejo entre as máquinas de produção desejanter através das linhas de fuga possíveis de serem produzidas. As linhas de fuga são compreendidas como novos modos singulares de existir em novas composições ao campo social pré-definido. É o movimento de desterritorialização, a criação, a produção do Corpo Sem Órgãos.

Cartografia

Percebo-me sentado à mesa do CAPS deparando-me com: “nossa, como o Brasil é um país violento”. Disso, um já sabido. A pandemia e mais de 500 mil mortos, hoje, 2021. Disso o meu eu já sabia. O presidente é agressivo, disso eu já sabia. O presidente produz morte e disso eu já sabia. A sociedade brasileira é racista e misógina e disso eu já sabia. O que rompe o meu corpo é ver de perto, ou, talvez, sentir na carne. É quando entro na residência que entro no serviço público de saúde, no SUS. Cabe talvez saber na carne mais do que no intelecto, pois na verdade o intelecto só sabe o que se sabe na carne, e o que não está na carne está na imaginação. Imaginei essa violência e agora a vivo, cotidianamente. Existe algo no próprio dia a dia das relações – o modo como as equipes operam; a forma como

convivemos uns com os outros – que freia ou diminui meu movimento. Sinto isso ao entrar no CAPS e talvez seja essa a minha entrada real, de carne e intelecto.

Encontro-me com a violência no momento em que ela opera no espaço do CAPS, por entre o CAPS, de dentro para fora, de fora para dentro, diluindo todas as supostas divisões: entre equipes de saúde, entre equipes e usuários, entre equipes e residentes, entre residentes e corpo da preceptoria...vice-versa, vice-versa. Quase como um habitual, a violência torna-se uma forma de convívio.

Necessitei de um tempo antes de vir aqui. Sento ereto, mas de corpo mole. Cabeça cansada, espírito... nem sei. Conheci alguns homens, dois em um encontro a dois-mais; outros dois em um encontro-grupo. Violência e cansaço, diria, dos dois primeiros. Ouvi histórias sobre frustrações de terras prometidas. Homens cansados e indignados com o que vivem, como se algo estivesse prometido. Concretamente? Raiva, dissimulação, revolta. Por vezes, violência física, “comportamento de risco”, andar de carro a velocidades perigosas. Falam-me de máscaras. Quais máscaras? Sinto medo. Sinto perigo. Pergunto-me se já sentiram medo de mim, pois conheço algo parecido com um cansaço e com uma indignação. Outros homens falam de como são prejudicados. Corpos, máquinas de guerra. Tudo é luta, tudo é frustração. O que se cria e se presentifica nesse agenciamento corporal concreto? Vejo a ética escapando-se entre essas expressões físicas. Mulheres sofrem. Homens sofrem gritando por uma terra protegida/prometida. Mulheres morrem. O que se fala? “Me prometeram algo”. Condições concretas em qualquer corpo com um pênis entre as pernas. O judiciário é apenas uma passagem. Quando promovem saúde mental, o que está em jogo? Qual a promessa sentida nos ouvidos? Qual responsabilização faço junto com as mulheres em minha prática enquanto profissional da saúde mental e em minha pesquisa? Sinto um desafio. Um marco de diferença. Esse desafio pode ser leve, pode ser um riso, ou pode ser um convite a um assalto ao outro, a territorialização masculina que habitua-se ao poder sobre o outro. O vínculo do desejar com as terras prometidas. O afeto revela o devir-mulher. Raiva, revolta, tristeza. O que concretamente nosso corpo produz? Violência? (Diário de Bordo, p. 18-19).

Na esteira de Spinoza, Rauter (2009) afirma ser a violência um produto secundário de processos políticos específicos, no sentido de que a noção da morte é sempre externa à potência de um ser, e a noção de mau, a ideia de matar e a decomposição de um outro corpo é insidiosamente um fator produzido socialmente, nas experimentações concretas dos encontros (2009, p. 67). Não há essência que determine um ser como violento. Da mesma forma, Minayo (1999) apontará a disposição da violência sempre em um contexto social/político específico.

Negando ao mal qualquer substância, coloca-se a difícil questão acerca do mal praticado pelo mal feitor. Poderia haver um ser cuja essência fosse a prática de crimes? Examinemos o ato criminoso nele mesmo. Aquele que ergue o braço e, empunhando uma faca, mata, expressa com esse movimento uma potência do corpo e, enquanto tal, expressa algo disso que está para além do bem e do mal. Mas o que faz desse ato um ato mau (e aqui utilizamos propositalmente o adjetivo mau e não o substantivo mal, que encerra uma generalização) é a ideia que o acompanha, a ideia de matar, de decompor com esse ato as relações de um outro corpo que não pode suportar esse encontro sem que seja aniquilado, suprimindo assim a possibilidade de novos encontros (RAUTER, 2009, p.67-68).

Se formos à leitura de Deleuze (2009) sobre Spinoza, percebemos que:

[...] é que do ponto de vista da natureza inteira, não se pode dizer que haja ao mesmo tempo composição e decomposição; visto que, do ponto de vista da natureza inteira, há somente composições. Não há mais que as composições de relações. É, com efeito, do ponto de vista de nosso entendimento que nós dizemos que esta ou aquela relação se compõe, em detrimento de tal outra relação que deve se decompor para que as duas outras se componham. Mas é porque nós isolamos uma parte da natureza. Do ponto de vista da natureza inteira, somente há relações que se compõem. Eu gosto muito dessa resposta: a decomposição de relações não existe do ponto de vista da natureza inteira, visto que a natureza inteira apreende todas as relações. Então, há forçosamente composições; um ponto é tudo (DELEUZE, 2009, p. 136).

Butler (2021) estabelecerá um problema ético semelhante ao abordar a violência enquanto problemática social. O que definirá a força e a execução da violência enquanto algo socialmente ruim, no quesito a ser criticada e revista, é sua materialidade na rede de interdependência que é inerente à vida, sendo impossível imaginar corpos, existências e pessoas que não estejam ligadas a outras. A crítica contundente da autora está nos limites das matrizes contemporâneas de se compreender as problemáticas sociais quando ainda se pensa com conceitos ocidentais como o de um indivíduo independente, fator mitológico que Butler (2021) identificará na figura de um homem (branco, hétero, europeu) primordial que jamais existiu ou existe, mas que ainda assim parece legitimar fantasias e imaginações.

Pereira e Timm (2014), em um artigo relatando propostas de atendimento psicossocial para mulheres em situação de violência, levantam a matriz hegemônica do sexo como questionamento necessário para produção de propostas de transformações de vida. Aqui, a disposição patriarcal do *socius* que produz processos de dominação dos corpos femininos é compreendida também a partir do cerceamento da liberdade e da potência dos corpos, em Spinoza, da potência de agir e de pensar. A partir da Ética de Spinoza, as autoras questionam a negligência do múltiplo e das múltiplas possibilidades de se ser afetado e afetar, enclausuradas em processos sociais de repetição do patriarcado e da lógica binária do gênero.

Trata-se de romper com a noção de cura, ideia calcada não apenas em uma noção discursiva de poder sobre algo a ser curado, mas também na essencialização acrítica dos corpos sociais; como se fossem dotados de uma essência estática, substantiva, autorresponsável e desvinculada do mundo social. Trata-se, na verdade, de sair dos processos de repetição e ir em busca do que se diferencia e, portanto, singulariza os processos (PEREIRA, TIMM, 2014).

A violência incide em mim quando estou no CAPS. Através dos casos, mas repetida em outros processos, quando banalizada nos elementos da vida. Mombaça (2021) utiliza da expressão “o mundo como conhecemos” para cartografar esse mapa de violências sistêmicas que caracteriza um mundo que não cessa de não se findar. No CAPS, a surpresa pela violência é ao mesmo tempo o reiterado movimento de surpreender-se com a violência. É um movimento ínfimo, sem fim. Reiteradas falas de “é muita violência” que pouco mobilizam afetos alegres, afetos ativos. Algo que rompa com “o mundo como conhecemos”.

Segundo os modos de conhecimento pelos afetos – o tracejar da cartografia – , manter-se na produção de ideias imediatas, entendendo como imediatas aquelas governadas pela memória e pelo hábito, necessariamente modeladas em imagens abstratas, o que podemos chamar de imaginação (DELEUZE, 2009, p.83), assegura que percebemos o mesmo e deixamos passar a diferença. Poderíamos perguntar: que violência? Qual? Onde? De que forma? Todas essas perguntas podem formar mapas; traçar modos, expressões ou ficções, mas, infelizmente, tudo corrobora para que a violência seja imagetivamente distante. Tratada como essa imaginação abstrata. Ela não passa ao corpo. Mantém-se na dimensão do outro, a não ser quando se presentifica em uma identificação coletiva.

É quando acontece um encontro entre devir-mulheres, que se escutam e compreendem-se nas amarras sociais que produzem tristezas em seus corpos.

Foram dias difíceis. A violência circulou pelo CAPS e me atravessou. Acolho uma crise em que o sofrimento é expressão de relações de gênero no social. Relacionamentos abusivos, violências psicológicas, jogos emocionais de poder, expressões do machismo. Uma mulher encontra-se no jogo do “sou louca”, “não sei de mim”, permeada pela violência expressa do machismo que a distância de si, dos seus afetos e da sua força de existir. Os homens fazem sofrimento e isso me revolta. Posterior a minha escuta, uma outra crise é atendida e nela encontra-se todo tipo expresso de violência e vulnerabilização: homem contra mulher. Me acabo. Qual este homem? Que lugar ele ocupa? Mapeio a violência circulando no CAPS. A dor das mulheres que ali trabalham, seus desesperos, respirações pesadas. E os homens-eu, e eu? Para onde os homens movimentam-se? Para onde eu iria e vou? Começo a produzir muitas perguntas. Lembro-me de um homem delirante (é possível delirar o machismo? Seria o machismo um delírio?). Ele se referiu a duas mulheres que trabalham no CAPS com superioridade, megalomania e menosprezo. Uma violência, uma tentativa de dominação. As mulheres riem da cena, do acontecimento. Agenciam-se com outras mulheres. (Diário de Bordo, p. 07).

O que vejo são estruturas catalogáveis, distantes. Tornadas já abstrações: violência de gênero, patrimonial, negligência, abandono, violência física, sexual. Tudo segue protocolos estatais exatos e considero ser apenas, talvez, dados estatísticos naquele instante. A prática da notificação compulsória, que em sua materialidade encontra uma fragilidade da rede na atenção a pessoas em situação de violência (BARUFALDI et al, 2017). Um dos perigos do CAPS enquanto uma estrutura vinculada ao maquinário do estado é sua burocratização: lançar-se mão da repetição e mostrar-se território inóspito para invenção da diferença (LANCETTI, 2007). Cabe apenas notificar as violências?

Sinto necessidade de tomar escritas corpo. Precisam ser feitas, merecem ser feitas, pois novamente olho para a violência e ela me vê. Não passa tanto do olhar, mas nos encontramos, em alguma dimensão. Ela toca a minha carne e eu a toco. Conheço homens e mulheres, no contexto de acompanhamento em saúde mental. Um homem que controla. Um homem sem arrependimento. Ele pode, afinal, a sociedade é essa. Não consigo pronunciar algo no encontro com esse homem. Toma-se o tempo do nosso diálogo em torno dos valores que ele possui. Valores sociais, que tomam corpo nesse corpo que me afeta. Não falo nada, sinto-me com medo de dizer algo. Sinto a dança e

estou dançando. Enquanto os homens (héteros) dançam essa dança frustrados, eu danço também, em silêncio. Frustração e violência. Medo e violência. Silêncio e violência. Cometer violência pela frustração. Preciso escutá-lo. Meu ouvido pulsa. É meu coração. Escuto mulheres. Responsabilizar o outro é um desafio, é esse o devir que me desloca. Escuto um homem. Tirano? Governado. O discurso-machista e sexista dança. Por que não falo? Homofobia, penso. Medo dela, de me deslocar do meu lugar de homem suposto, hétero. Aquele que escutará em silêncio. Há dor? Não há arrependimento, isso é dito. Só o afeto triste da frustração. Tudo ocorre como se passasse fora do CAPS; o narrado, o dito, a vida das pessoas. Está tudo aqui, operando comigo. Sinto que os burocratas não dão a mínima. Os burocratas do CAPS. Não se trata do que está lá, mas a distinção do dentro e do fora. Há uma barreira dentro do CAPS. Constató: existem vários espaços aqui. Meu silêncio quebra-se com a vontade de gritar. (Diário de Bordo, sem numeração de página marcada).

Entro, então, em um devir. Há uma indissociabilidade de processos; e a constatação de uma sociedade violenta, machista, racista e de privilégios de classe é fato macroestrutural e histórico na realidade brasileira. Parece que se está em outro mundo, então, dentro do CAPS, pois não se opera em composição com a violência, mas rejeita-a. Tal ato torna-se, assim, a corroboração com os processos de violência, que não são escutados, considerados, pensados coletivamente por um serviço de saúde mental. Deparo-me com mulheres, majoritariamente negras, em processo de sobrecarga, com as leis sexistas operando em seus corpos na atribuição da maternidade, do individualismo perverso (“é tua responsabilidade, por que não dás conta?”), etc. Deparo-me com homens, circulantes nos espaços da vida pública e privada, ingressado nas redes de vínculos de diversas pessoas; violentos, em diversos níveis. Não são vistos, considerados. Caso a violência perpassasse uma violência direta, física ou sexual, tal fator é encaminhado. A lógica do encaminhamento, segregante e distanciadora. O CAPS parece não compor com essas linhas.

Sinto que estou há um tempo sem vir aqui. Participei de uma greve e ela aconteceu em um momento propício. Eu estava esgotado do CAPS, esgotado! Lembro de um homem que foi ‘socorrido’ pelo CAPS. Entram em sua casa... quero definir-lhes como violentos... definiram-no como violento. Pergunto o que seria ela então. Sobrepe-se sobre a pessoa e isso desencadeia em agressões. Tenho a sensação de que a saúde pode se contrapor a esse circuito. Esse homem agrediu sua mãe. Ele, com a ação invasiva da equipe, quando se chamam bombeiros em outro momento, terá oportunidade de pensar sobre a violência executada? Lembro de homens contando sua ação de fazer justiça com as próprias mãos. Executam violência. Tudo parece difuso. Quero gritar que há outras opções. O trabalho do CAPS preocupa-me. Há muita abstenção, pouco contato real com fluxos de desejo. O que os homens que cometem violência desejam? (Diário de Bordo, p. 52).

A violência está nas microfissuras, nos detalhes: histórias violentas, relações de efeitos violentos; ela entra também, por dentro: na negligência da rede pública de saúde, mecanismo estatal de produção de vida e de morte. É difícil pensar que a violência é produção de apenas um corpo, assim como é difícil pensar em um homem

machista sem todo o aparato social, de apaziguação da responsabilidade por atos machistas, de socialização masculina. Ando quase que olhando firmemente para as violências, e minha cabeça dói. Apontam-me que sou calmo, o que remete a uma produção de corpo. Devir-mormaço. As mulheres que trabalham comigo são devir-tempestades; e elas se veem com os efeitos de suas produções. Estou preocupado com os cheiros, as fragrâncias, o modo como a micropolítica pode ser realizada. Mais do que banalmente rejeitar a violência em uma perspectiva moral sobre ela, quero compor meu corpo e descobrir seus efeitos. Devir-doce no deserto. Sinto isso e sinto meu corpo apoderar-se de tristeza. Respeito, e meu corpo atrofia a todo momento.

Em Herbert Daniel, conforme exposto por Areda (1982 apud 2014):

A noção de fragrância aponta para uma noção de memória que é menos aquela evocada por filmes e álbuns de fotografia e mais a imagem erótica da memória presente nos perfumes do corpo amado que, apesar dos banhos, impregnam nossa própria corporeidade, evocando – e invocando – mais do que a memória do corpo do outro, a memória do nosso corpo em mistura com o outro. Nesse movimento, Daniel aponta para o caráter revelador inesperado da memória, chamando-a também de bioflagrantes (AREDA, 2014, p. 143).

Respiro. Ando pelo CAPS como se uma nuvem pairasse sobre meus ombros. A burocracia reina aqui; e me sinto em débito com o dever. A quem o dever serve? A violência não é nomeada para além do seu apontamento no lado de fora do CAPS. Eu ou eles. Lá ou aqui. Aqui ou lá. Fronteiras demarcadas. Essas fronteiras existem ali. Há como exprimir que existe um lado de lá e um aqui? Percebo fronteiras delimitadas, mas como elas expressam-se em meu corpo? Pelo medo de quebrar as burocracias, as condutas dizíveis dos acolhimentos, das condutas. Não existe força no individual, sinto – e é através do contágio que as linhas de fugas são traçadas. Percebo que meu corpo se habitua, não sem nenhuma tristeza, das linhas molares. O modo de operação é simples: a demanda dos serviços é única; separa-se: é quando vejo a violência ser despachada para qualquer outro serviço.

Um pouco de diferença é possível. Alguns acompanhamentos são feitos, encontros com homens autores de violência. Eles contam suas histórias, trocam com as pessoas que ali trabalham. Existe uma dimensão do indizível que se dá pela não neutralidade do espaço (o que pode ser dito ou não?), mas a diferença sempre encontra brechas, então os homens expressam-se na sua raiva, sua indignação, seu corpo contido pelas linhas duras. Rastreio e percebo que as linhas flexíveis se encontram nas histórias não oficiais, nas conversas de corredores, no não anunciado nos prontuários. Os pacientes agressivos do CAPS – os homens – são lidos no termo da heteroagressividade nesses documentos. Um termo operatório. A heteroagressividade é documentada nos formulários de acolhimento do CAPS. É dizível. É operada. Entendendo dispositivo como entrelaçamento dos modos de fazer dizer, de fazer ver, e de produção de subjetividades, o que escapa ao termo da heteroagressividade? Parece um termo pronto para intervenções medicamentosas.

Nas conversas paralelas à burocracia, há possibilidade para se falar mais sobre: nas conversas entre as equipes, nos espaços em que a demarcação do eu e o outro não são rigidamente postas – pois quando isso ocorre, há briga e cansaço: despotencialização dos corpos. Afetos tristes. Passo então a perceber que meu corpo necessita esconder-se das demais pessoas. É tudo inóspito: mal-estar, ansiedade,

cigarros intermináveis. Percebo que os encontros dentro dos consultórios (individuais, privados), tornam-se maçantes e repetitivos. Obrigou os homens a contarem histórias privadas sobre si, sem uma alteridade demarcável.

Meu corpo produz silêncio, imobilização e, conseqüentemente, cansaço.

Considerações finais

Essa experiência é uma diante de múltiplas possíveis. As linhas aqui expressas, assim como outras que poderiam ser enunciadas, singularizam este processo e tornam o corpo produzido uma singularidade. Devir-cansaço, devir-revolta, devir-necessidade de falar, de dizer. Todas compõem meu corpo que é reiteradamente atualizado como corpo-homem, corpo disposto à violência. O que pode o CAPS na composição com as linhas de violência no Brasil, com os corpos autores de violência que circulam? Quais são as linhas em jogo? Talvez, mais forte e intenso seja evidenciar os afetos, a dimensão afetiva desses encontros. Medo, raiva, repulsa. O que faz um homem autor de violência que procura um serviço de saúde mental ser encaminhado para outro serviço?

Estes homens estão no serviço, assim como a violência por ali circula, como não seria diferente em um país como o Brasil. Os corpos autores de violência, homens, são genericados, mas não significa dizer que são determinados e não possam diferenciar-se. Tudo passará por jogos dos processos de subjetivação, o CAPS não sendo neutro nisso.

Com a cartografia, é possível perceber a efetuação dos afetos triste, no modo como a violência, a imaginação, a burocracia e a separação dos corpos (eu-outro, lá-aqui) articulam-se conjuntamente. A molaridade das práticas em saúde – dar nomes repetidamente – participa ativamente das estratégias de poder. Porém, além dos afetos tristes, é possível sentir um pouco de diferença possível. Alguns acompanhamentos potentes são criados. Algumas fissuras moleculares são dispostas, embora a velocidade e a sobrecodificação pareçam tornar, nessa experiência, o cansaço como norma. Curiosamente, ao mesmo tempo que a diferenciação era deixada para fora do CAPS, por muitas vezes, era também a sensação que se tinha sobre a violência: que ela era deixada do lado de fora.

Talvez a relação próxima com a violência, em um movimento que necessariamente passe pelos afetos, seja o necessário para se aumentar o coeficiente de diferenciação, de mudança. Afirmar-se enquanto violento, dado “o mundo como conhecemos”, mas não só.

Referências

ADICHIE, Chimamanda. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia de Letras, 2019.

AMARANTE, Paulo; NUNES, Mônica. A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. *Ciênc. Saúde Colet*, v. 23, n. 6, jun, 2018.

AREDA, Felipe. Ser gay e a possibilidade de não ser Homem. *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos*, Florianópolis, Brasil, 2006

AREDA, Felipe. A narrativa desarmada de Herbert Daniel. *Caderno Seminal Digital*,

v. 21, n. 21, 2014.

BARUFALDI, Laura Augusta et al. Violência de gênero: comparação da mortalidade por agressão em mulheres com e sem notificação prévia de violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, n. 9, 2017.

BASAGLIA, Franco. *Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

BEIRAS, Adriano. *Relatório mapeamento de serviços de atenção grupal a homens autores de violência contra mulheres no contexto brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2014.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006

BENTO, Berenice. O que pode uma teoria? Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. *Revista Florestan*, n.2, 2014. Disponível em: <<http://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/64>> Acesso em: 04 de dezembro de 2021.

BENTO, Berenice. *Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas*. Natal: EDUFRN, 2015.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Políticas Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: princípios e Diretrizes*. Brasília: 2008.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. *A força da não violência: um vínculo ético-político*. São Paulo: Boitempo, 2021

CHAUÍ, Marilena. *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia de Letras, 2011.

CONNEL, Raewyn. *Masculinities: knowledge, power and social change*. Berkeley/Los Angeles: University of Califórnia Press, 1995.

DELEUZE, Gilles. *Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)*. Fortaleza: EdUece, 2009.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DESVIAT, Manuel. *A Reforma Psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*, vol. 3: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

HUR, Domenico. *Psicologia, política e esquizoanálise*. Campinas, SP: Alínea, 2019.

JORGE, Marco; CARVALHO, Maria; SILVA, Paulo. *Políticas e Cuidados em Saúde Mental: contribuições para a prática profissional*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2014.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LANCETTI, Antonio. *Clínica peripatética*. São Paulo: Hucitec, 2007.

LIMA, Daniel; BUCHELE, Fátima. Revisão crítica sobre o atendimento a homens autores de violência doméstica e familiar contra as mulheres. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 721-743, 2011.

LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACHADO, Lia. Masculinidades e violências. Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. *Série Antropológica*, UNB, Brasília, 2001.

MEDRADO, Benedito; MÉLLO, Ricardo. Posicionamentos críticos e éticos sobre a violência contra as mulheres. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 20, p. 78-86, 2008.

MERHY, Emerson. Em busca do tempo perdido: a micropolítica do trabalho vivo em ato, em saúde. In: FRANCO, T.; MERHY, E. *Trabalho, produção do cuidado e subjetividade em saúde: textos reunidos*. São Paulo: Hucitec, 2013.

MINAYO, Maria Cecília. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cad. Saúde Públ.* v.10; p. 07-18, Rio de Janeiro, 1994.

MINAYO, Maria Cecília. Laços perigosos entre machismo e violência. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 23-26, 2005.

MINAYO, Maria Cecília; SOUZA, Edinilsa. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p.7-23, 1999.

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Marcos. *Desaprendendo o silêncio: uma experiência de trabalho com grupos de homens autores de violência contra a mulher*. Dissertação (Mestrado), Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2001

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PEDROSA, Mariana; ZANELLO, Valeska. (In)visibilidade da violência contra as mulheres na saúde mental. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 32, 2016.

PEREIRA, Melissa; PASSOS, Raquel. *Luta antimanicomial e feminismo: discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica brasileira*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

PEREIRA, Ondina. *Saúde Mental, ética e política: vidas dissidentes e práticas psicológicas não-hegemônicas*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

PEREIRA, Ondina; TIMM, Flávia; BESSONI, Enrique. Potência, diferença e feminismo: em busca de formas políticas de atendimento a mulheres vítimas de violência. In: ZANELLO, Valeska; ANDRADE, Ana Paula. *Saúde mental e gênero: diálogos, práticas e interdisciplinaridade*. Curitiba: Appris, 2014.

PEREIRA, Ondina; TIMM, Flávia; GONÇALVES, Jonas. Psicologia da diferença: por uma ética da singularidade. *Revista JRG De Estudos Acadêmicos*, v. 2, n. 4, p. 46-62, 2019.

PRECIADO, Paul. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

RAUTER, Cristina. *Criminologia e subjetividade no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

RAUTER, Cristina. Clínica e violência: construções e problematizações para uma clínica do contemporâneo. In: TEDESCO, Sílvia; NASCIMENTO, Maria Livia. *Ética e Subjetividade: novos impasses no contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina, 2009.



RODRIGUES, Heliana. *As subjetividades em revolta: institucionalismo francês e novas análises*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TIMM, Flávia; PEREIRA, Ondina. *O eu do amor*. Curitiba: Appris, 2020.

WARSAWSKI, Tally. *Mulheres cansadas: (des)territorialização do corpo*. Trabalho de Monografia em Psicologia. Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2019.

ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivo: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018.